



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 30 de maio de 2024

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo R\$ 1.412	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,87% São Paulo	124.305	R\$ 5,208 (+1,06%)	Últimos	R\$ 5,626	10,40%	10,39%	Dezembro/2023 0,56 Janeiro/2024 0,42 Fevereiro/2024 0,83 Março/2024 0,16 Abril/2024 0,38
1,06% Nova York	122.707		23/maio 5,154 24/maio 5,167 27/maio 5,171 28/maio 5,154				

AGRICULTURA

Governo fixa em R\$ 4 arrozes importados

A Conab vai realizar um leilão para comprar o produto de outros países e, assim, evitar a especulação internamente

» RAFAELA GONÇALVES
» SAMANTA SALLUM

O governo vai importar 300 mil toneladas de arroz, que será distribuído a comerciantes de todo o país, com o objetivo de baratear o preço. O produto será vendido com a logomarca do governo, com o preço final tabelado de R\$ 4 por quilo. Ontem, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) anunciou o leilão de compra para a próxima quinta-feira, 6 de junho.

Para baratear o preço, o Imposto de Importação de três tipos de arroz foi zerado. Foram liberados R\$ 6,7 bilhões para a compra pública de arroz beneficiado importado.

O produto deve chegar ao consumidor até setembro, já que o prazo de entrega para a Conab é de até 90 dias, sem a cobrança de multa. A autorização inicial do Executivo foi para a importação de até 1 milhão de toneladas para garantir a oferta do produto a "preços justos".

Em coletiva de imprensa, o presidente da Conab, Edgar Pretto, afirmou que a intenção do governo não é afrontar os produtores nacionais, mas garantir o equilíbrio no mercado. "Não queremos que a compra importada venha a competir com a produção nacional. Vamos avaliar o comportamento do mercado. Se percebermos que a medida já equilibrar os preços, avaliaremos se há necessidade ou não de fazer outro leilão", disse.

Sobre o tabelamento, Pretto explicou que o valor foi estabelecido a partir dos preços ao consumidor final apurados em janeiro, quando estava próximo de R\$ 5 por quilo. "Se nós pegarmos os parâmetros de preços do varejo, antes do problema climático no Rio Grande do Sul, o que nós podemos dizer é que estava em torno de R\$ 25 a saca de 5 quilos. Nós estabelecemos um deságio de 20% a partir desse parâmetro e chegamos a esse valor de R\$ 4 por quilo", explicou.

Em evento promovido pelo Grupo de Lideranças Empresariais de Brasília (Lide/DF), o ministro da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro, afirmou que o Brasil é autossuficiente na produção

Ed Alves/CB/DA.Press



Lojas estão limitando o número de sacos que podem ser comprados, pois há pessoas estocando arroz por medo de um desabastecimento



Diante da especulação, de tanta maldade e fake News de que iria faltar arroz, os preços aumentaram de 30% a 40%. Um absurdo. Então, para acalmar o mercado, estamos abrindo o edital de importação"

Carlos Fávaro, ministro da Agricultura e Pecuária

para atender o consumo interno e que 80% da colheita da região do Sul já tinha sido feita antes das enchentes. "Mas, diante da especulação, de tanta maldade e fake News de que iria faltar arroz, os preços aumentaram de 30% a 40%. Um absurdo. Então, para acalmar o mercado, estamos abrindo o edital de importação", disse.

O Brasil produz 10 milhões de toneladas de arroz por ano. Cerca de 70% da safra vem do Rio Grande do Sul e 15% de Santa Catarina.

"Precisamos levar essa produção para outras regiões. Diversificar. Vamos continuar a estimular a produção no Sul. Mas é preciso descentralizar não só o cultivo de arroz, mas como de feijão, mandioca, trigo e milho", afirmou o ministro.

Interferência

Entidades do setor produtivo alegam que a medida trará prejuízos à cadeia nacional, que já sofre com os problemas climáticos. Dos 131 mil hectares plantados de arroz no estado, cerca de 90% já haviam sido colhidos. Segundo a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), a produção do país é suficiente para o consumo interno.

"Apesar das grandes dificuldades a serem superadas no Rio Grande do Sul, a expectativa das indústrias e cooperativas é que a cadeia produtiva de arroz consiga ser 100% normalizada em breve, garantindo o abastecimento e segurança alimentar de todo o país, bem como evitando a disparada de preço do produto", destacou, em nota.

Representantes do setor

agrícola gaúcho definiram a medida como a "maior intervenção" no mercado desde o início do Plano Real, há 30 anos, "que já se mostrou ineficaz no passado". De acordo com a Farsul, os estímulos à importação podem acabar desestimulando produtores do Rio Grande do Sul a semear a próxima safra (2024/25) e gerar um problema futuro na oferta.

"É uma medida intervencionista, de fato", destacou o economista Rica Mello, especialista em gestão de negócios. "Quando o governo vem para o jogo e mostra ao mercado internacional que ele vai comprar um volume grande, já traz um certo impacto. Tanto que o produto acabou subindo depois do anúncio do governo", explicou.

Mello recorda que a importação do grão já é comum no país, mas é feita geralmente pela própria indústria.

Preço mais que dobra no DF

O Instituto de Defesa do Consumidor do Distrito Federal (Procon-DF), órgão da Secretaria de Justiça e Cidadania (Sejus), constatou que o preço do arroz branco nos supermercados de Brasília teve um reajuste de mais de 100%. De acordo com o levantamento, divulgado ontem, o preço mais alto para um saco de cinco quilos de arroz foi de R\$ 54,99, e o mais barato foi de R\$ 35,99.

Os fiscais percorreram 94 estabelecimentos de todo o DF, foram levantados os preços de mais de 50 marcas de sacos de arroz branco. A diferença de preços de uma mesma marca, entre uma região e outra também chama a atenção. Um saco de 5 kg da marca Tio João, por exemplo, estava custando R\$ 54,99 no Guarã e R\$ 39,39 em Ceilândia.

"Estamos atentos aos valores do arroz branco, após as enchentes no Sul do país. O arroz é item essencial da cesta básica e um aumento, sem justa causa, do preço do produto afetaria diretamente a população", advertiu o diretor-geral do órgão, Marcelo Nascimento. "A nossa orientação é que o consumidor pesquise antes de fazer a compra", explicou.

Alguns supermercados estão limitando a venda do produto a cinco unidades por cliente. As autoridades, no entanto, alertaram para a atitude não é necessária. "No cenário atual, não vemos problema no limite do item para venda. Estamos em um momento de incertezas quanto à disponibilidade do arroz no comércio e, portanto, a medida é aceitável, por enquanto", afirmou o diretor do Procon.

Os dados coletados pelo Procon, mostram que os preços mais altos do produto, na saca de cinco quilos são: o Tio João, de R\$ 54,99; Camil, de R\$ 45,99; Tio Jorge, de R\$ 38,39; Brilhante, de R\$ 36,99 e Flora, de R\$ 35,99.

Medo da escassez

A advogada Juliana Oliveira, de 44 anos, está entre os consumidores que temiam a falta do produto e decidiu estocar. "Cinco dias antes das inundações eu tinha ido comprar arroz e já tinha me surpreendido com o preço. Ainda não havia acontecido nada no Rio Grande do Sul e o arroz já estava bem mais caro do que eu tinha comprado no mês anterior, isso já me preocupou", contou.

Além da alta dos preços, Juliana também tinha o receio de que houvesse a escassez imediata. "Chegando ao supermercado, eu tive uma grata surpresa, pois naquela semana a marca que eu gosto estava bem mais barata do que o que eu havia pagado há 15 dias atrás", conta. Juliana não teve dúvida: "Eu, que tinha ido comprar cinco pacotes de 5kg, por medo realmente de faltar arroz no mercado, aproveitei e comprei oito pacotes".

Os órgãos de defesa do consumidor advertem que a estocagem favorece à especulação e acaba por aumentar o preço. (RG)

Brasil livre da febre aftosa

O ministro da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro, fez ontem um balanço dois 500 dias de gestão na pasta, durante o almoço-debate do Grupo de Lideranças Empresariais de Brasília (Lide/DF). Elencou uma série de resultados para respaldar o apoio do governo Lula (PT) ao setor, já que é um segmento produtivo mais próximo politicamente da direita e ao bolsonarismo. "Ampliar os mercados foi a principal ação. São 51 países que não tínhamos relações agropecuárias que agora estão entre nossos importadores. Isso fez com que, apesar dos preços achatados, o resultado da balança comercial brasileira fosse recorde

absoluto. O agro foi o que mais puxou esse resultado em 2023. E neste primeiro quadrimestre continua crescendo", afirmou.

O ministro informou que, a partir deste mês de maio, o Brasil está oficialmente livre da febre aftosa. "Os pecuaristas não precisam mais vacinar seus animais. Isso vai permitir acesso a mercados como, por exemplo do Japão e Coreia do Sul". Fávaro também citou a criação de linhas de crédito "inovadoras", a linha dolarizada. "Os juros são diferenciados, cerca de 8% ano, bem abaixo dos juros proibitivos de mercado. Já são R\$ 8 bilhões emprestados aos produtores", destacou.

O anfitrião do evento foi o

empresário e ex-governador do DF Paulo Octávio que é presidente regional do PSD mesmo partido do ministro. "O Brasil, e isso incluiu o Distrito Federal, tem um potencial enorme ainda no Agro. E o que não podemos permitir é que um país como o nosso alguém passa fome, com a produção de alimentos que temos".

O novo Plano Safra está na iminência de ser lançado. O de 2023, segundo o ministro, foi o maior da história totalizando R\$ 440 bilhões. "Estamos preparando um novo plano com mais recursos ainda, bater o nosso próprio recorde", adiantou Fávaro. (SS)

Leia mais em Capital S/A pag 16.

Carlos Silva / Min. Agricultura



Carlos Fávaro no almoço com o Grupo de Líderes Empresariais Lide Brasília